

O DESAPEGO NO BUDISMO



PRIMITIVO*

Emerson Luís Pawoski da Silva**, Emerson Luis Tonetti***

Resumo: *o Budismo surgiu no séc. VI a.C. no território da Índia antiga com outras religiões, devido aos contextos sociais e ambientais da época. Essas religiões se diferenciam pela maneira de lidar com a vulnerabilidade intrínseca da existência. O desapego teria sido um dos diferenciais do Budismo para com as demais religiões. Esse estudo teve como objetivo demonstrar o desapego das experiências internas e externas como um dos princípios originais do Budismo. Foram utilizadas literaturas encontradas no Google Acadêmico sobre o Budismo Hinayana do séc.VI a.C. até o ano 0 para verificar parábolas, ensinamentos e episódios em que o desapego é evidente. Sidarta Gautama teria praticado uma meditação de distanciamento para alcançar a Iluminação. Como o Buda abandonou as obrigações sociais, essa postura refletiu nos ensinamentos desapego a bens materiais e distanciamento das tendências subjacentes. As projeções desse princípio estão nas atividades trabalhistas, cuidados com o corpo e a metafísica.*

Palavras-chave: *Budismo. Experiência. História.*

A visão de mundo, que imperava nos territórios da Índia antiga no séc. VI a.C., chamada Matsyanyaya ou metáfora dos peixes, apresenta que a interação entre os seres ocorre como presas e predadores. Todo predador é presa de outro predador e toda pessoa para obter algo, que ainda não tem, deve tomar de algum lugar ou de outro alguém. A soberania no mundo físico e espiritual estava ligada a ideia de que o mundo é aquilo que ocorre no entorno, representado pelas mandalas, círculos e rodas. Nesse sentido, o ser soberano chamado de Cakravartin (quem tem a roda girando) é aquele capaz de reger tudo à sua volta. Todas as coisas se unem e a unidade não é feita por uma única coisa, e, sim a somatória de várias (DAMMIKA, 1993; RAY, 2002; ZIMMER, 2015).

* Recebido em: 28.10.2021. Aprovado em: 21.02.2022.

** Doutorando em Geografia na UFPR. Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade no IFPR-Paranaguá. Especialista em Gestão Ambiental e Desenvolvimento Sustentável na Uninter. Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas na Unespar-Paranaguá. *E-mail:* em.pawoski@gmail.com

*** Doutor em Geografia. Mestre em Ciências Biológicas. Graduado em Biologia pela Universidade Federal do Paraná. *E-mail:* emerson.tonetti@ifpr.edu.br

Cohn (1996) afirma que muitas religiões surgiram com uma função social de regulação da vida interna e externa, i.e., pensamentos, emoções e processos corporais bem como ética, normas, agricultura, caça, clima e demais. Na Ásia, entre os períodos de 900 e 800 a.C. houve monções bastante intensas, seguidas de um período (800-350 a.C.) mais seco e frio relacionado à menor atividade solar. Esse segundo momento coincide com a conhecida Época Fria da Idade do Ferro (SINHA et al., 2018). Com as mudanças ambientais e normas sociais não sendo mais aplicáveis, observou-se um momento de efervescência cultural, onde foram criadas e reformuladas religiões, comércios e alianças políticas (SCHUMANN, 1989; RAY, 2002; ZIMMER, 2015).

Diante da percepção dos riscos e da vulnerabilidade do ser, tiveram origens religiões de “entrega” a determinado papel social e de retidão, que adotaram figuras públicas como seus representantes Cakravartin. As religiões de entrega se diferenciam nas ateístas, como de Gosala que entendia as pessoas deviam fazer apenas o que lhes davam prazer, e nas teístas, obedecendo a deuses que estão no ambiente, como no Vedanta, ou se ajustando aos que habitam dentro dos corpos, no caso do Tantra. As religiões da retidão se apresentam desde as mais severas (Jainismo) até as mais brandas, que são embasadas no conhecimento do Cosmos (Yoga) ou no desapego, como ocorre no Budismo (Figura 1) (ZIMMER, 2015).

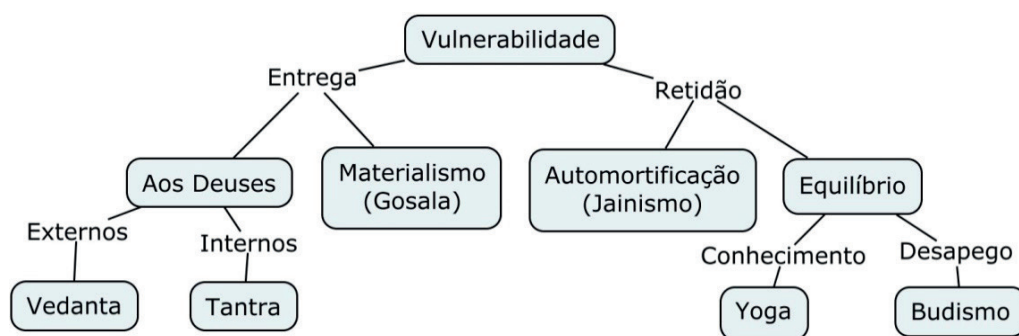


Figura 1: Genealogia das religiões da Índia.
Nota: adaptado de Zimmer (2015).

Esse contraste entre o Budismo e a religião mais próxima, o Yoga clássico, pode ser exemplificado pela parábola do guerreiro, em que esse é alvejado por uma flecha e sentindo dor, busca removê-la antes de saber quem a lançou. No Yoga clássico, se estudaria quem a atirou e os componentes da flecha, enquanto no Budismo essas questões são posteriores (RAY, 2002; O’DONNELL, 2007). Esse estado pacificado do Buda, oferecido pelo desapego e que o revela como um ideal a ser seguido, é apresentado no Loka Sutta (Discurso sobre o mundo):

*Tendo conhecido diretamente o mundo,
Tudo, exatamente como de fato é,
Ele é desapegado do mundo,
Afastado de todo mundo.
Ele é, de fato, o sábio que tudo conquista,
Aquele que desatou todos os nós,
Que alcançou o estado da paz suprema,
O Nibbana, sem temer nada de ninguém.
Ele é o Buda, com as máculas destruídas,
Imperturbável, com as dúvidas cortadas,
Que atingiu a destruição de todo karma,
Liberto ao extinguir o desejo das posses (BODHI, 2020, p.394).*

A coletânea de textos mais antigos do Budismo, o Tripitaka ou Três Cestos, compreende: Vinaya Pitaka ou Cesto das Regras; Sutta ou Cesto dos Discursos e Abhidhamma ou Cesto da Doutrina. O Vinaya e o Abhidhamma apresentam uma linguagem tecnicista, pois foram direcionados a monges e monjas no aprendizado das normas monásticas e princípios religiosos, respectivamente (COHEN, 1985; SCHUMANN, 1989; BDK, 2014). Nesses “cestos”, se encontram os preceitos filosóficos fundamentais do Budismo. Os cinco preceitos do budismo dos praticantes monásticos e não monásticos, são: (1) Evitarei tirar a vida; (2) Evitarei pegar o que não me foi dado; (3) Evitarei atividades sexuais perniciosas; (4) Evitarei dizer inverdades; (5) Evitarei obscurecer minha mente com álcool ou drogas (O’DONNELL, 2007, p. 56). Os demais cinco preceitos, apenas da vida monástica, são: (1) Evitarei me alimentar após a metade do dia; (2) Evitarei entretenimentos de dança, música e teatro; (3) Evitarei usar perfumes, jóias e cosméticos; (4) Evitarei usar camas altas e largas; (5) Evitarei aceitar dinheiro. Os primeiros cinco estão ligados a normas de boa convivência, enquanto os últimos promovem um desapego dos prazeres das experiências (SCHUMANN, 1989).

O Sutta Pitaka, por sua vez, narra diálogos, parábolas e episódios da vida do Buda, bem como de outros monges e monjas. Os suttas são, dessa forma, de mais fácil acesso que os demais pitakas. SCHUMANN (1989, p.131, *tradução nossa*) faz um sumário dos principais entendimentos do budismo como:

A existência em todas as suas formas é sofrimento (dukkha), pois tudo o que tem vida está sujeito aos fenômenos de sofrimento: dor, impermanência, perda, separação e fracasso.

Todos os seres não libertos estão sujeitos ao renascimento: seu sofrimento não termina com a morte, mas continua igual e na próxima existência.

O renascimento é regulado pela lei natural do condicionalismo ético, segundo o qual as boas ações (kamma) ou, mais precisamente, as intenções (sankhara)

condicionam o renascimento nas melhores circunstâncias e as más ações nas piores. Boas ações são benéficas, mas ações são prejudiciais.

Visto que não há “alma” que sobreviva ao corpo, o renascimento não ocorre na forma da migração da alma, mas por meio de uma série de condicionamentos.

As forças que mantêm o ciclo de renascimentos são o desejo (tanha) e a ignorância (avijja). A destruição de cada pode ocorrer por meio do autocontrole.

A liberdade consiste na interrupção do ciclo de renascimentos e na cessação (nibbana) da personalidade empírica.

O Budismo derivou em diversas tradições que podem ser datadas e associadas a povos distintos. Houve até 18 tradições, categorizadas em 2 grandes linhagens. A linhagem Hinayana ou Pequeno Barco (início formal em 80 a.C.) se espalhou pelo sul da Ásia e está mais relacionada a práticas individuais. A linhagem Mahayana ou Grande Barco (início formal em 120 a 180 d.C.) se disseminou no leste e norte asiáticos e tendo enfoque nos aspectos comunitários (ZIMMER, 2015). As linhagens se espalharam por todo o mundo e, principalmente, na América do Norte devido às similaridades com a psicoterapia (O'DONNELL, 2007; WRIGHT, 2018).

O Brasil é um dos países, da atualidade, em que o Budismo vem conquistando membros. Contudo, a grande maioria desses é da linhagem Mahayana e isso pode ser produto da flexibilidade prática da mesma. Essa desproporcionalidade para com a linhagem Hinayana é refletida na produção acadêmica brasileira, pois, a grande maioria dos textos são estudos Mahayana. Em uma busca preliminar de novembro de 2021, verificou-se haver 40 textos dentro da área das “Ciências da Religião” em um total de 225 resultados, mas, nenhum com enfoque na linhagem Hinayana. No Portal de Periódicos da Capes, para o mesmo período, encontrou-se 85 textos em português sobre o Budismo nas “Ciências da Religião”, onde nenhum se concentra no Hinayana. Diante dessa lacuna na literatura brasileira, nota-se uma necessidade de comentários a essa linhagem budista.

Como exposto, o Budismo é uma religião bastante prática que aborda principalmente o desapego. Em seus momentos iniciais, o desapego pode ter sido um diferencial das demais religiões e um princípio fundamental. Esse estudo teve como objetivo demonstrar o desapego das experiências internas e externas como um dos princípios originais do budismo.

METODOLOGIA

Esse estudo, de caráter documental, utilizou de textos e menções ao Tripitaka para verificar como o desapego das experiências dos sujeitos foi um dos principais princípios do budismo primitivo. Realizou-se a busca das palavras-chave “budismo” e “buddhism” no Google Acadêmico. Foram escolhidos discursos, registros históricos e versos contemporâneos do Buda, no séc. VI a.C., e até ao ano 0 sobre os primeiros textos e registros budistas da linhagem Hina-

yana, pelas maiores quantidades de citações em novembro de 2021. Embora tenham sido utilizados somente textos do Tripitaka, muitos desses se encontravam em registros budistas Theravadas ou compilações de historiadores e antropólogos de mais recente publicação em artigos e livros. Por fim, foram selecionados e comentados os textos mais antigos do Tripitaka que tratavam do tema “desapego”.

As informações foram compiladas em quatro itens: (1) história de Sidarta Gautama; (2) a Iluminação e principais teorias budistas, (3) registros do budismo primitivo e (4) críticas e comentários ao budismo. Os resultados e sua discussão foram utilizados para como o princípio do desapego se manifestara no budismo primitivo pela concepção Hinayana.

SIDARTA GAUTAMA

A palavra “Buda” significa em pali “Acordado” ou “Desperto”, sendo muitas vezes traduzido como “Iluminado” no sentido de quem enxerga dentro das sombras de ilusões (THERA, 1993; BODHI, 2020). Destaca-se o idioma pali foi formado pelo utilizado pelo Buda na Índia com aqueles do Sri Lanka. Nos territórios da Índia, onde o idioma prevalecente era o sânscrito e há a base etimológica da palavra como:

Buddhi (discriminação) contém e é, ao mesmo tempo, nosso verdadeiro ser; as outras faculdades (identidade, processos mentais e sentidos) são “como abelhas que seguem o comando da rainha”. Ainda assim, tudo indica que a influência corre em sentido contrário:

1. *Os sentidos externos entram em contato com seu ambiente;*
2. *Suas experiências são assimiladas pelos processos mentais;*
3. *O produto dos processos mentais é posto em relação com nossa individualidade;*
4. *Então a discriminação decide o que deve ser feito. Dessa forma, o domínio da discriminação fica escondido. O único meio para que o véu se torne transparente é dissolver o poder dos desejos e aversões (tendências mentais). Mas antes, é preciso destruir a conexão aparente do indivíduo com o sofrimento. A ilusão da conexão é provocada pela ausência de discriminação, pelo não reconhecimento da diferença entre o ser e as experiências (ZIMMER, 2015, p. 233).*

Nota-se o significado de “Desperto” tem dessa forma uma relação com o discernimento e não viver como “se estivesse dormindo”. O Buda histórico, Sidarta Gautama, viveu entre 563 e 483 a.C. e nasceu em Lumbini, que na época pertencia a um reino indiano e atualmente faz parte da Mongólia. Sidarta era o futuro senhor de uma província do clã dos Sakyas. Ele teria crescido em condições de luxo e lazer muito maiores que as classes trabalhadoras da província e possuía palácios para período de seca e de chuvas, bem como haréns para seu entretenimento

(STRONG, 1902; BODHI, 1995; O'DONNELL, 2007). Apesar disso, desde criança demonstrava ser bastante observador e introspectivo. Evitava interações sociais e quando as realizava, ele se mostrava distante (SCHUMANN, 1989). Com base nas atividades da realeza, aprendeu que entre iguais há conflito derivado do apego/ desejo ao prazer ou opinião. Com as observações de que todos os seres estavam sujeitos à velhice, enfermidade e a morte e para evitar estados de infortúnio futuros, ele começou a se preocupar em fazer ações adequadas com o corpo, a fala e a mente (BDK, 2014; SILVA, TONETTI, 2021).

Sidarta estava incomodado com a questão do sofrimento que persiste ao longo das infinitas existências. Mais tarde, ele afirmava que se fossem somadas as quantidades de lágrimas, derivadas do sofrimento de somente um ser, a quantidade de água seria maior que a dos quatro grandes oceanos (BODHI, 2020). Nessa fase catártica, já se notam os sinais da relação entre apego e sofrimento, descritas no Bhadraka Sutta (Discurso a Bhadraka): “seja qual for o sofrimento que surja, todo ele possui o desejo como fonte; pois o desejo é a raiz do sofrimento” (BODHI, 2020, p. 103).

Aos 29 anos, tinha como esposa Yasodhara, sua prima, e um filho, Rahula, mas, a vida comum não o satisfazia. Ele se sentia na condição de buscar a vida ascética. Naquela época, quando um homem atingia a idade de aproximadamente 30 anos e já possuía ao menos um filho homem como herdeiro de suas funções sociais, lhe era permitido se destacar das mesmas. Ressalta-se que o casamento e a paternidade foram compulsórios. O casamento ocorreu em sua adolescência para evitar a saída precoce de Sidarta da nobreza e para manter a linhagem das famílias nobres. A paternidade foi uma obrigação exigida por Suddhodana, pai de Sidarta, devido ao mesmo jamais ter abandonado o desejo pela vida ascética (SCHUMANN, 1989; RAY, 2002). Essa inquietude fez com que ele buscasse ser discípulo de dois sábios brâmanes e companheiro de cinco ascetas, sendo esse período marcado por práticas de automortificação. Não obtendo êxito em encontrar o fim do sofrimento com esses sábios, ele decidiu meditar sozinho e assim alcançou a Iluminação ou estado Desperto, tornando-se o Buda (O'DONNELL, 2007; ZIMMER, 2015; BODHI, 2020).

O DESPERTAR E OS PRINCIPAIS ENSINAMENTOS

Todas as tradições budistas contam que Sidarta praticou um tipo de meditação que envolvia os quatro *jhanas*, ou estágios de absorção mental:

1. *Cessação dos desejos dos sentidos e “estados mentais prejudiciais, acompanhados de pensamento e ponderação; bem-estar resultante do desapego”.*
2. *Cessação de pensar e ponderar, desenvolvimento de tranquilidade e concentração; bem-estar resultante da concentração.*
3. *Cessação do prazer em favor da liberdade de afetos; equanimidade e atenção plena com facilidade física.*

4. Cessação das sensações de prazer e dor; desenvolvimento de equanimidade livre de alegria e tristeza em plena consciência e pureza. (SCHUMANN, 1989, p.54, *tradução nossa*).

Os *jhanas* representam o desenvolvimento de um estado mental de distanciamento, conquistado pela supressão das tendências emocionais e de raciocínio (SCHUMANN, 1989; BODHI, 1995, 2000). As estórias dizem que essa atividade de meditação fez com que Sidarta adotasse o nome de Buda e trouxe em três dias, os três entendimentos:

Rememoração de existências anteriores [...] A lei natural da causalidade ética (kamma), de acordo com a quais boas (ou seja, boas ações) são seguidas por um bom renascimento, e más (ou seja, doentias) ações por um mau renascimento [...] A compreensão do sofrimento e das Quatro Nobres Verdades (A existência é permeada pelo sofrimento; A origem do sofrimento é o desejo; O fim do sofrimento ocorre com o fim do desejo; O caminho do meio/ equilíbrio leva ao fim do desejo e sofrimento) que formam a estrutura de sua doutrina. (SCHUMANN, 1989, p.54-55, tradução nossa).

A mensagem inicial do Buda não era simplesmente uma nova percepção de mundo, mas, um modo de vida (SILVA; TONETTI, 2021). Essa filosofia viria a ser chamada de Dhamma, ou a Lei. Ele compara uma vida de luxos e mortificações como caminhos para a felicidade e paz, e descreve no Dhammacakkappavattana Sutta ou Discurso sobre o girar a roda do Dhamma:

Monges, esses dois extremos não devem ser seguidos por alguém que tenha partido para a vida sem lar [...] A busca da alegria sensória em prazeres sensuais [...] e a busca da automortificação [...] O Tathagata despertou para o caminho do meio, que faz surgir a visão, que faz surgir o conhecimento e conduz à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, ao Nibbana [...] É este Nobre Caminho Óctuplo (BODHI, 2020, p. 87).

O Nobre Caminho Óctuplo é dividido em: Visão (percepção) correta; Intenção correta, Fala correta, Ação correta, Vida correta, Esforço correto, Atenção correta e Concentração correta. Esse modo de vida determina que através do entendimento da relação entre desejo/ apego e sofrimento, o praticante deve buscar manter um estado mental que o permita não ser dominado pelas tendências subjacentes e não manifestá-las (BDK, 2014; SILVA, TONETTI, 2021). Além desse caminho, foram apresentadas as Quatro Nobres Verdades, i.e., um demonstrativo de como o desejo/ apego produz sofrimento e o Nobre Caminho Óctuplo como método para encerrar esse ciclo (Quadro 1).

Quadro 1: As quatro nobres verdades

Nobre Verdade	Significado	Proposta de ação
Sufrimento	Experiências e 5 agregados	Compreensão
Origem do Sofrimento	Desejo	Abandono
Cessação do Sofrimento	Cessação do Desejo	
Caminho que conduz à cessação do Sofrimento	Nobre Caminho �cuplo	Desenvolvimento/ Execução

Um dos cinco ascetas, o Venerável Kondanna, escuta o primeiro discurso e corrobora a ideia de que o desejo/ apego ao que   impermanente leva ao sofrimento porque o prazer acaba ao dizer: “tudo aquilo que é sujeito   sujeito   originação é sujeito   cessação” (BODHI, 2020, p.89).

O Nobre Caminho  cuplo é o caminho que conduz ao fim do sofrimento porque leva ao fim do desejo. Esse estado mental de paz ou extinção das tendências subjacentes   chamado de Nirvana (ou Nibbana em pali) e cujo significado   “extinção” ou “soprar o fogo da vela”, de onde deriva o uso das expressões “cool” e “fica frio” (O’DONNELL, 2007). De fato, no Dukkha Sutta (Discurso sobre o Sofrimento), o Monge Sariputta diz: “a destruição do desejo, a destruição do ódio, a destruição da ilusão: isso, meu amigo, é chamado de Nibbana” (BODHI, 2020, p. 344). A meditação com contemplação dos cinco agregados é o mecanismo para a manutenção desse estado mental.

Os cinco agregados são, talvez, os principais mais diferenciais dos ensinamentos do Buda (COHEN, 1985). Esses representam a constituição dos seres e esse é um dos aspectos principais porque indicam como, de forma religiosa, os praticantes se percebiam e percebiam o mundo. Espírito e matéria são formados por conjuntos de componentes (Quadro 2) que podem ser separados e suas existências estão sujeitas a disposição desses componentes. De forma geral, os seres os componentes espirituais e físicos não se diferenciam e há somente uma interação entre “coisas” que propicia a consciência (RAY, 2002; ZIMMER, 2015).

Quadro 2: Os cinco agregados

Agregado	Componentes
Forma	Nutrientes
Sensação	Contatos*
Percepção	
Formações volitivas	
Consciência	Nome e forma (identificação)

Legenda: *Esses componentes representam as experiências dos seres, seus componentes internos com o mundo externo.

Fonte: Bodhi (2020).

Embora os seres influenciem na formação e manutenção desses agregados, todo ambiente também o faz. No budismo, os componentes do ser são apresentados como temporariamente dispostas, mas, não pertencem ao ser. Esse ensinamento é apresentado no Natumhakam (pathama) Sutta (Discurso sobre o que não é seu), que aponta:

– *Suponham, monges, que alguém leve embora a grama, gravetos, ramos e folhas neste Bosque de Jeta, ou os queime, ou faça o que quiser. Você pensaria: ‘As pessoas estão nos levando embora, queimando, ou fazendo conosco o que querem?’*

– *Não, Venerável senhor.*

– *Por que?*

– *Porque, venerável senhor, isso não é nem nosso eu e nem o que pertence a nós* “.

– *Da mesma forma, monges, a forma não é sua... A consciência não é sua: abandonada. Quando você as abandonar, isso te levará a teu bem-estar e felicidade (BODHI, 2000, p.877, tradução nossa).*

Após essa fase inicial, o Buda detalhou esses ensinamentos e apresentou muitos outros por 40 anos. Após o falecimento, com 80, a ordem reuniu os monges com maior vivência no Dhamma para recitar os ensinamentos. Foi necessário o registro dos ensinamentos para distribuição e preservação do conhecimento conforme o passar do tempo e aumento na quantidade de membros.

OS REGISTROS BUDISTAS

Os mais antigos registros budistas são os “Éditos de Ashoka”, do séc. III a.C., talhados em rochas. É importante destacar que os éditos fazem menção aos textos de conjuntos de disciplinas monásticas e suttas do Sábio Silencioso, Vida Pura, Conselho a Rahula, Perguntas de Upatisa, Modo de Vida dos Nobres e Medos, que pertencem ao Tripitaka e isso sugere que, antes da escrita, houve a tradição oral (DAMMIKA, 1993).

Os Éditos de Ashoka se dividem em 5: (1) em pedra, (2) pequenos em pedra, (3) em pedra de Kalinga, (4) em pilares e (5) pequenos em pilares. Ashoka teria sido um imperador cruel e mortal na formação de seu território, e que, quando adotou o budismo como religião, passou a evitar a violência e praticar a caridade. Esse comportamento é demonstrado nesses registros. Nos Éditos em pedra, Ashoka diz: “Fazer o bem é difícil. Quem primeiro faz o bem, faz algo difícil” (DAMMIKA, 1993, p.3, tradução nossa); “Isso é bom, isso deve ser feito. Alguém se beneficia nesse mundo e ganha bastante mérito no próximo, dando ofertas de Dhamma” (DAMMIKA, 1993, p.7, tradução nossa). E nos pilares: “Dhamma é bom, mas, o que o constitui? Dhamma é constituído de pouco mal, muito bem, gentileza, generosidade, verdade e pureza” (DAM-

MIKA, 1993 p.16, *tradução nossa*); “As pessoas percebem apenas suas boas ações [...] não percebem as más ações [...] (DAMMIKA, 1993, p.17, *tradução nossa*); “Essas coisas levam ao mal, violência, crueldade, raiva, orgulho e ciúmes. Não vou me arruinar com essas coisas” (DAMMIKA, 1993, p. 17, *tradução nossa*). No sétimo édito em rochas, Ashoka descreve:

Enquanto isso Mas as pessoas têm variados desejos e paixões, e elas talvez façam tudo que devem ou parte disso. Mas quem recebe grandes ofertas e ainda não tem autocontrole, pureza de coração, gratidão e devoção resoluto, essa pessoa é má. (DAMMIKA, 1993, p.5, tradução nossa).

Observa-se que a influência budista se manifestou na dissolução dos aspectos destrutivos e insalubres de Ashoka.

Entre os textos escritos em papel mais antigos, está o Dhammapada, do séc. I a.C. (SALOMON, 2018). A versão mais comum do Dhammapada, oriunda do Sri Lanka, tem 26 capítulos que sumarizam a doutrina budista em temas e é escrita em versos. Os versos são sínteses ou trechos de suttas e têm as funções de apresentar o budismo a leigos e de evocar lembranças de estórias e suttas (THERA, 1993). A coletânea do Dhammapada é, talvez, o texto budista mais conhecido e mais agradável de ler devido à escrita em versos e poder ser aplicado em vários aspectos da vida (COHEN, 1985). Nos versos 33 e 34 no Citta Vaga (Capítulo do Coração) do Dhammapada, o tema do problema das emoções aparece em:

33. Este coração volúvel e vacilante, difícil de guardar, difícil de refrear,

A pessoa inteligente o endireita, assim como o armeiro faz com a flecha.

34. Como um peixe tirado da água e lançado sobre a terra,

Debate-se este coração quando entregue às paixões (COHEN, 1985, p.23).

Embora não haja uma datação, há uma convenção Theravada de que alguns suttas do item Sutta Nipata seja o mais antigo do Sutta Pitaka. Esses itens são Atthaka-Vagga (capítulo dos oito) e Parayana-Vagga (capítulo das perguntas). O Kama Sutta ou Discurso sobre o prazer, do Atthaka-Vagga, descreve a relação entre apego aos sentidos e sofrimento da seguinte forma (MULLER, 2001, p.143, *tradução nossa*):

766. Quando alguém deseja satisfazer um prazer dos sentidos obtém sucesso, certamente fica satisfeito porque conseguiu o que queria.;

767. Mas se o prazer dos sentidos não for obtido, há sofrimento como se fosse atingido por uma flecha.

Há outras menções ao desapego no Sutta Pitaka. No Discurso sobre os seis animais (Chappana Sutta), um estado mental ajustado, endireitado e não tendencioso é comparado a uma viga que retém os sentidos. O texto foi adaptado (BDK, 2014, p. 125-126), da seguinte forma:

Não há nenhum meio pelo qual se possa escapar da cilada das paixões mundanas. Suponhamos que você tenha apanhado uma cobra, um crocodilo, um pássaro, um cão, uma raposa e um macaco, seis criaturas de naturezas muito diversas e que as tenha amarrado junto com uma corda e as tenha deixado ir. Cada uma delas tentará voltar às próprias tocas, por seu próprios meios: a cobra procurará abrigo na grama, o crocodilo buscará a água, o pássaro quererá voar, o cão procurará uma aldeia, a raposa procurará as solitárias orlas da floresta e o macaco procurará as árvores. Na tentativa de cada um buscar o caminho da fuga, haverá luta, mas, estando atados uns aos outros pela corda, o mais forte deles arrastará todo o resto.

Como as criaturas nesta parábola, o homem é tentado de diversas maneiras pelos desejos dos seus seis sentidos – olhos, ouvidos, nariz, língua, tato e mente – e é controlado pelo desejo predominante.

Se as seis criaturas forem atadas a um poste, elas tentarão fugir até se extenuarem. Assim, os homens deverão treinar e controlar a mente, para que não tenham preocupações com outros cinco sentidos. Se a mente estiver sob controle, eles poderão ter felicidade não só agora, como também no futuro.

A conversa entre o discípulo Visakha com a Monja Dhammadinna no Culavedalla Sutta (Discurso pequeno da sessão de perguntas) ilustra a relação entre as tendências emocionais e a maneira de vivenciar experiências (BODHI, 1995, p. 401, *tradução nossa*), da seguinte forma:

Senhora, quais são as tendências subjacentes por detrás da sensação prazerosa? Quais são as tendências subjacentes por detrás da sensação desprazerosa? Quais são as tendências subjacentes por detrás da sensação nem prazerosa nem desprazerosa?

Amigo Visakha, a tendência subjacente do desejo está por detrás da sensação prazerosa. A tendência subjacente da aversão está por detrás da sensação desprazerosa. A tendência subjacente da ignorância aversão está por detrás da sensação nem prazerosa nem desprazerosa.

O Culasunnata Sutta ou Discurso pequeno sobre o vazio (BODHI, 1995), procura demonstrar como as preocupações tornam-se menos intensas conforme há um distanciamento das mesmas. Em síntese, quando os indivíduos abandonam a individualidade do ser, não há perturbações porque não há “algo” ou “alguém” que sofre essas.

No Dhammapada e no Sutta Pitaka, o desapego é apresentado como uma solução ao sofrimento ocasionado pelo desejo/ apego.

Entre os antigos textos que mais se destacam sobre o modo de vida monástico budista, estão o Theragatha e Therigatha, ou Versos dos Anciões e das Anciãs respectivamente. Esses versos descrevem as práticas, ordenamento, concepção de mundo, relação com outras crenças e episódios da vida de monges e monjas contemporâneos de Buda (SCHUMANN, 1989). A monja Dantika (DAVIDS, 1909, p.38, *tradução nossa*) relata que via esse modo de vida como um domínio de suas tendências:

*Enquanto saia da meditação do dia,
Vi um elefante que, lavado, do rio saia.
O pé do elefante, um velho pediu,*

*E com sua bengala, ele subiu.
Serena e vendo tal fera domesticada,
Compreendi porque entrei nessa jornada!*

Os versos dos monges e monjas, dessa forma, relatam as conquistas percebidas com o desapego. A postura de Buda, bem como os caracteres práticos e filosóficos tiveram repercussões positivas e negativas em sua época e até o início da EC. Dessa forma, foram necessárias reformulações e posicionamentos da ordem budista.

CRÍTICAS E COMENTÁRIOS AO DESAPEGO

Considerando a necessidade apresentar perspectivas alternativas para mais abrangente compreensão (BLOOR, 2003), é importante verificar como não budistas percebiam o budismo. No segundo Agama (texto sagrado jainista) está escrito: “Alguns tolos dizem que há cinco agregados momentâneos. Eles não admitem que a alma é diferente ou idêntica a esses, que tem causa nesses ou existe sem causa” (RAY, 2002, p. 254, *tradução nossa*).

Essa crítica tem como base o entendimento da constituição dos seres. A perspectiva jainista é de que os seres são feitos de parte material e parte espiritual (alma), e é preciso depurar a matéria para se conquistar a pureza do espírito. Essa é a fundamentação das práticas jainistas de automortificação, como fome, privação de sono e outras (RAY, 2002; ZIMMER, 2015). No Culamunkya Sutta (Discurso pequeno para Malunkyaputta), mesmo o Monge Malunkyaputta questiona o Buda sobre as explicações sobre as questões metafísicas: finitude ou infinitude do mundo; alma e corpo são as mesmas coisas ou não; e a existência do Buda após a morte e recebe a resposta (BODHI, 2020, p.225):

Por que eu deixei tudo aquilo não declarado? Porque não é benéfico, não pertence aos fundamentos da vida espiritual, não conduz ao desapego, ao fim das paixões, à cessação, à paz, ao conhecimento direto, à iluminação, ao Nibbana. E o que foi que eu declarei? ‘Isso é sofrimento’ – eu declarei; ‘esta é a origem do sofrimento’ – eu declarei; ‘isto é a cessação do sofrimento’ – eu declarei. ‘Este é o caminho que conduz à cessação do sofrimento’ – eu declarei.

A resposta do Buda era de que essas questões atrapalhavam ou não eram importantes para a resolução do sofrimento.

O descuido com o corpo ocorria com frequência em relação à alimentação, visto que os membros da ordem budista só tinham direito e só deviam se alimentar do que caísse em suas tigelas na prática de mendicância. Há relatos de monges que se alimentaram de ramos e dedos de pessoas com hanseníase (SCHUMANN, 1989). É evidente que os primeiros ensinamentos estavam principalmente relacionados aos fenômenos de aplicação prática, uma vez que as teorias interferiam na interpretação das experiências. Para Buda, mesmo a percepção sobre a divindade criadora e a cosmogonia é influenciada pela mente, como apresentado no Brahmajala Sutta (Discurso da Rede Suprema):

Então, bikshus, o ser que lá surgiu primeiro pensa “Eu sou Brahma, o Grande Brahma, o Conquistador, o Inconquistável, o Todo-Vidente, o Todo-Poderoso, o Senhor, o Fazedor e Criador, O Soberano, O Designador e Ordenador, o Pai de tudo que existe e existirá. Estes seres foram criados por mim. Por que razão? Porque eu primeiro pensei “Oh, se outros seres viessem a este lugar!””. E após ter tido esta aspiração mental, estes seres vieram.

E os seres que surgiram depois dele pensam “Este, amigos, deve ser o Brahma, o Grande Brahma... Nós fomos criados por ele. Por que razão? Porque nós vimos que ele estava aqui primeiro e nós aparecemos depois dele (COHEN, 2008, p.355).

No Tittha Sutta ou Discurso sobre sectários, há uma crítica que corrobora o desapego dessas concepções e ainda acrescenta como as mesmas propiciam conflitos sociais. O Buda disse:

Agora mesmo, Senhor, muitos Samanas e Bramanes dizem: essa percepção é verdadeira, todas as outras são falsas [...] Essas pessoas têm a noção de que “Eu sou o que faz a ação”, “Outro é que faz a ação”. Elas não entendem (de que essas são duas crenças erradas). Elas não veem dano nelas (STRONG, 1902, p.97, tradução nossa).

Está clara, nos destaques acima, uma tentativa de se furtar de qualquer aspecto que provoque apego a alguma teoria ou sensação.

Outra observação alternativa ao Budismo está nas atividades de trabalho. Para esses

povos, regulados por funções e castas, uma atividade na sociedade estava ligada a personalidade e destino de uma pessoa (COHN, 1996; ZIMMER, 2015). O pai de Rohiní, uma das monjas contemporâneas do Buda, comenta sobre a ordem budista:

*Eles são tímidos para o trabalho, um bando preguiçoso,
Que vivem de presentes de outras pessoas,
Eles são gulosos e parasitas,
Como você pode gostar dos samanas?.* (SCHUMANN, 1989.p. 230, tradução nossa)

A falta de ação trabalhista refletia o destacamento desses sujeitos da sociedade indiana antiga. Havia uma crítica à ociosidade.

Há entre os suttas e demais textos budistas muitas relações. O verso 285, presente no Magga-Vaga (Capítulo do Caminho), do texto Dhammapada (COHEN, 1985, p.117), narra: Extirpa a afeição de ti próprio como (extirpas) o lírio-d'água outonal com a mão; Desenvolva mesmo o Caminho da Paz, o Nirvana ensinado pelo Bem-aventurado. A origem desse verso é a estória de um discípulo (filho de um ourives), do Monge Sariputta, que é instruído na percepção da impermanência de todas as coisas através da observação da decomposição de uma flor (THERA, 1993). Essa estória tem relação com a vivência da Monja Subha, que era filha de um ourives e precisou se flagelar para se proteger de um homem que elogiava seus olhos e queria violá-la, como narrado nos versos: “Então, a adorável donzela, arrancou o próprio olho e lhe entregou, “Aqui está! Toma teu olho.” Com o coração aberto, ela não pecou”. (DAVIDS, 1909, p.155, tradução nossa). O Parajika ou Erros que conduzem a expulsão da ordem, primeiro capítulo do Vinaya Pitaka, lista quatro erros para monges e monjas: relações sexuais; roubo, assassinato e mentir alcançar estados mentais avançados. Há mais oito erros destinados a apenas monjas e o quinto pode ter relação com a reação da Monja Subha, pois, indica que uma monja não deve consentir com um assédio sexual (PRUITT, 2001).

Embora o próprio Buda tenha criado uma partição feminina monástica, o mesmo fez com bastante relutância. Isso ocorreu somente a pedido de seu primo e monge mais próximo Ananda que intercede por um pedido de sua mãe (e madrasta de Sidarta) Mahapajapati Gotami. Essa postura pode ter ocorrido devido ao contexto do sexismo ou à segurança das mulheres em relação a uma vida de exposição a perigos. A pouca disseminação desse episódio, a culpabilização do incidente por Subha (no sentido de ela não ter cedido ao assédio) e o fato da estória narrar que o contexto se deu com um monge e não com uma monja, são demonstrativos de possível sujeição das mulheres aos homens nessa época e no Budismo primitivo (SCHUMANN, 1989).

Verifica-se que o Budismo primitivo tinha semelhanças e diferenças com outras religiões da época. Há, principalmente, um contraste na maneira de entender aspectos metafísicos e relações de trabalho. A alimentação descuidada tem bas-

tante semelhança com a automortificação do jainismo. O sexismo parece ser algo presente nessa e em outras regiões do mundo na época e, portanto, não representa um diferencial (COHN, 1996). Em relação ao desapego, Walpola *et al.* (2017) ressaltam que o desejo/ apego aos prazeres influencia os estados emocionais e na interpretação dos sentidos biológicos de futuras experiências. Os seres passam a buscar o que é agradável e evitar o desagradável (Figura 2).

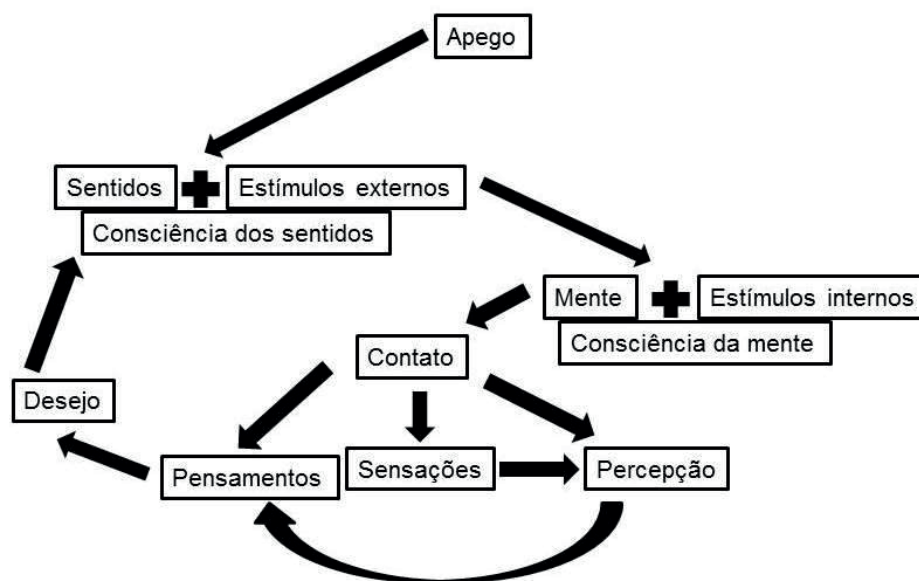


Figura 2: Influência das tendências subjacentes na interpretação das experiências.
Nota: adaptado de Walpola *et al.* (2017).

Na atualidade, esse princípio e concepção parecem ser temas comuns com a psicologia (WRIGHT, 2018). Como uma diretriz da linhagem Hinayana, pode ser encontrado em vários textos ao longo da história. Na linhagem Mahayana, o desapego se manifesta nos conceitos de “não-agir”, “vacuidade” e outros (O’DONNEL, 2007; SCOTT, D.; DOUBLEDAY, 2009), e seriam necessários outros estudos para esclarecer os mesmos.

De forma geral, o desapego é um princípio que surge na vida prévia da de Sidarta, na meditação para Iluminação, ensinamentos do Buda e normas budistas, e que tem reflexos até a atualidade.

CONCLUSÃO

Em conjunto com a meditação e outros aspectos, o desapego tem sido um dos princípios mais evidentes do Budismo, e principalmente em sua origem. Isso decorreu do sofrimento e inquietação que o próprio Sidarta Gautama vivenciara ao observar e experimentar direta e/ou indiretamente enfermidades e falecimentos. O desejo/apego, por aquilo que é impermanente, faz os sujeitos obterem felicidade em objetos, pessoas e situações finitas. O Buda propôs o desapego

das experiências como uma forma de evitar o sofrimento decorrente da não obtenção ou perda do prazer.

O desapego aparece nos antigos textos do Budismo como ensinamento e em forma de parábolas. Esses evidenciam que se apoiar nos sentidos pode levar a situações problemáticas. Esse princípio parece ter influenciado na decisão de não participação de atividades trabalhistas e não adoração a divindades, que foram aspectos criticados por contemporâneos do Buda. Outra manifestação desse princípio ocorre em relação ao corpo e os cuidados com o mesmo.

De forma geral, nota-se que o princípio do desapego foi frequente no início do Budismo e teve relação com seu desenvolvimento e repercussões, em especial na linhagem Hinayana. Sugerem-se futuros estudos com textos Mahayana para maior compreensão do tema.

THE DETACHMENT IN PRIMITIVE BUDDHISM

Abstract: Buddhism emerged in the century VI BC on the territory of ancient India with other religions due to the social and environmental contexts of that epoch. These religions differ in how they manage the intrinsic vulnerability of existence. Detachment would have been one of Buddhism's differentials of other religions. This study aimed to demonstrate the detachment of internal and external experiences as one of the original principles of Buddhism. Literature found in Scholar Google on Hinayana Buddhism from the sixth century BC to year 0 was used to verify parables, teachings and episodes where detachment is evident. Siddhartha Gautama would have practiced a meditation of distancing to attain Enlightenment. As Buddha had abandoned social obligations, this posture reflected in the teachings detachment from material goods and distancing from the underlying trends. The projections of this principle are in labor activities, body care and metaphysics.

Keywords: Buddhism. Experience. History.

REFERÊNCIAS

BLOOR, D. *Conocimiento e Imaginario Social*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2003.

BODHI, B. *Nas palavras do Buda: uma antologia dos discursos do Cânone P li*. Petrópolis: Vozes, 2020.

BODHI, B. *The Connected Discourses of the Buddha*. v.1. Boston: Wisdom Publications, 2000.

BODHI, B. *The Middle Length Discourses of the Buddha: A Translation of the Majjhima Nikaya*. Wisdom Publications, 1995.

BDK-Bukkyo Dendo Kyokai. *A doutrina de Buda*. 10 ed. 2014.

- COHEN, N. *A Senda da Virtude: Dhammapada*. São Paulo: Palas Athena, 1985.
- COHEN, N. *Ensinos do Buda: Uma Antologia do Cânone Páli*. São Paulo: Devir Livraria, 2008.
- COHN, N. *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá: As origens das Crenças no Apocalipse*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DAMMIKA, V. S. *The Edicts of King Ashoka: An English Rendering*. Buddhist Publication Society, 1993. Disponível em: http://www.buddhanet.net/pdf_file/edicts-asoka6.pdf. Acesso em: 21 out. 2021.
- DAVIDS, C.A.F.R. *Psalms of the Early Buddhists*. Londres: Pali Text Society, 1909.
- MULLER, F.M. (Eds). *Sacred Books of the East: vol.10 The Dhammapada and Sutta-Nipata*. Routledge, 2001.
- O'DONNELL, K. *Conhecendo as religiões do mundo*. São Paulo: Rosari, 2007.
- PRUITT, W. *The Patimokkha: Sacred Books of the Buddhists*. Pali Text Society, 2001.
- SALOMON, R. *The Buddhist Literature of Ancient Gandhara: An Introduction with Selected Translations*. Somerville: Wisdom Publications, 2018.
- SCHUMANN, H.W. *The Historical Buddha: The Times, Life and Teaching of the Founder of Buddhism*. London: Arkana, 1989.
- SILVA, E.L.P.; TONETTI, E.L. NAS PALAVRAS DE BUDA: UMA ANTOLOGIA DOS DISCURSOS DO CÂNONE PÁLI. *Caminhos*, v.19, p.232-235, 2021.
- SINHA, N.; GANDHI, N.; CHAKRABORTY, S.; KRISHNAN, R.; YADAVA, M.G.; RAMESH, R. Abrupt climate change at ~2800 yr BP evidenced by a stalagmite record from peninsular India. *Holocene*, v.28, n.11, p.1720-1730, 2018.
- RAY, N. (Eds). *A Sourcebook of Indian Civilization*. Orient Longman, 2002.
- SCOTT, D.; DOUBLEDAY, T. *O Livro de Ouro do Zen: A sabedoria milenar e sua prática*. 2 ed. Rio de Janeiro, Ediouro, 2009.
- STRONG, M.G.D.M. *The Udana or The Solemn Utterances of The Buddha*. Londres: LUZAC/ Publishers to the India Office, 1902.
- THERA, N. *The Dhammapada: Pali text and translation with stories in brief*. Taipei: BUDAEDU, 1993.
- WALPOLA, P.; WALPOLA, D.Y.; WALPOLA, I.C.; TONEATTO, T. Mapping the Mind: A Model Based on Theravada Buddhist Texts and Practices. *Contemporary Buddhism*, v.18, n,1, p.140-164, 2017.
- WRIGHT, R. *Por que o budismo funciona*. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

ZIMMER, H. *Filosofias da Índia*. 6 ed. São Paulo: Palas Athena, 2015.